

Grupo quer ação imediata contra ponto de não retorno da Amazônia

Proposta pretende evitar que floresta não consiga mais se regenerar e visa cúpula de chefes de Estado de países amazônicos em Belém, na próxima semana

Por Daniela Chiaretti — De São Paulo

03/08/2023 05h00 · Atualizado há 4 horas



Um grupo de 52 organizações ambientalistas, indigenistas, científicas, de jovens e de movimentos sociais defende a adoção imediata de medidas para evitar que a Amazônia atinja o ponto de não retorno, momento em que a floresta não consegue mais se regenerar devido ao desmatamento e às queimadas e se transforma em um bioma mais pobre. A ideia é que os países amazônicos se comprometam com a eliminação do desmatamento até 2030 na Cúpula da Amazônia, que acontece na semana que vem, em Belém.

Se a Amazônia atingir o ponto de não retorno, a mudança do clima com impactos regionais e globais se torna ainda mais grave.

O texto entregue à Organização do Tratado de Cooperação Amazônica, a OCTA, e ao Itamaraty é, na verdade, a proposta de um protocolo para impedir o ponto de não retorno. Trata-se da abertura de um novo processo negociador multilateral, entre os países amazônicos, e que impeça o ponto de não retorno da floresta.

A proposta foi incluída no texto de sugestão do grupo a que se faça um protocolo ao Tratado de Cooperação Amazônica. A proposta é endereçada à cúpula de chefes de Estado da semana que vem.

O texto lembra que 15% da Pan-Amazônia já foi desmatada, incluindo os quase 20% da Amazônia brasileira. Nos últimos anos as taxas de desmatamento superam 10 mil quilômetros quadrados ao ano no Brasil.

“Em nossas pesquisas estudamos a emissão de gases-estufa de quatro regiões da Amazônia e buscamos os motivos de uma emitir muito mais que outra”, diz Luciana Gatti, cientista do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe).

Em um novo estudo, que será publicado em breve, um grupo de pesquisadores indica que no nordeste da Amazônia, 40% de uma área de 700 mil km² já foi desmatada. No sudeste da floresta, região de 2 milhões de km², 30% já foram desmatados. “Em municípios entre Santarém e Belterra [ambos no Pará], 70% já foram desmatados, e o Código Florestal estabelece o limite de 20%. A Floresta Nacional do Tapajós está ilhada por soja. Isso tem que parar”, diz ela.

“A Amazônia é nossa proteção contra a mudança climática. Nossa barreira”, afirma. Durante os anos do governo Jair Bolsonaro (2019-2022), a Amazônia brasileira perdeu 45 mil km².

““

A Amazônia é nossa fábrica de chuvas, nossa proteção contra a mudança climática. Está virando soja, milho, bife e madeira”

— Luciana Gatti

“O desmatamento ocorre de duas maneiras na Amazônia: a forma direta, de corte de árvores, e a indireta. Com menos floresta, perde-se chuva, matam-se as grandes árvores”, continua a cientista.

A Amazônia, em sua parte oriental, já está 30% desmatada e, em média, emite oito vezes mais gases-estufa do que a parte ocidental, diz Luciana. “A Amazônia é nossa fábrica de chuvas, nossa proteção contra a mudança climática. Está virando soja, milho, bife e madeira”, continua.

bando de saúvas. | O colapso climático já chegou e será cada vez pior”, diz.

Em 2020, a estação chuvosa perdeu 23%, continua. “Não é questão de olhar para a Amazônia como um santuário. Ela é a nossa condição de vida”, resume a cientista.

Segundo ela, a plantação de soja na Amazônia aumentou 70% nos últimos anos, a despeito da moratória da soja. A área plantada de milho aumentou 60%. O rebanho bovino aumentou na Amazônia e diminuiu no resto do Brasil. “A destruição da Amazônia é um agrosuicídio”, diz.

“E o pior El Niño está chegando. Muito pior que o de 2015 e 2016. Estamos caminhando cada vez mais rápido para o colapso. Os objetivos de lá atrás não servem mais, de parar com o desmatamento. Temos que compensar o caos do governo Bolsonaro e recuperar a floresta perdida.”

Embora o texto da declaração da Cúpula da Amazônia ainda esteja sendo negociado, o governo brasileiro tem defendido o compromisso de desmatamento zero até 2030 e expressa preocupação em evitar o ponto de não retorno da floresta.

De 4 a 6 de agosto ocorrem os Diálogos Amazônicos e 405 eventos da cúpula da sociedade civil, academia, empresas e grupos de movimento sociais. “Até agora, contudo, não sabemos como se dará a participação da sociedade civil na cúpula”, diz João Paulo Amaral, gerente de meio ambiente e clima da Alana, organização que se preocupa com os direitos das crianças e adolescentes.

“Várias partes da Amazônia estão colapsando e não se regenerando como bioma. É preciso eliminar o desmatamento até 2030”, reforça Amaral. “Estamos trazendo a centralidade das populações mais vulneráveis no tema. São povos indígenas, quilombolas, crianças, mulheres e velhos”, afirma ele.

O texto das ONGs propõe ainda políticas de monitoramento e fiscalização de crimes transfronteiriços, políticas de inclusão, bioeconomia e fomento de floresta viva, combate às queimadas e poluição do ar em toda a Amazônia.

O documento afirma, ainda, que é preciso reconhecer os saberes das comunidades

Expandir áreas protegidas e ter medidas efetivas de combate aos ilícitos ambientais, como o garimpo ilegal e a contaminação por mercúrio.

O Valor apresenta a você a nova **Globo Rural**

O maior jornal de economia com a maior marca de agro do país [CONHECER >](#)

Mais do Valor **Econômico**

Dólar inicia sessão em alta após Copom e com penalização de moedas emergentes

O ambiente externo mantém a pressão baixista sobre o câmbio, com a valorização global da moeda americana